

Palacio da Berjoeira — Desenho de Nogueira da Silva

Ergue-se esta magnifica residencia a uns tres kilometros da villa de Monção, e em distancia egual da margem esquerda do rio Minho.

É solar de um morgado instituido no anno de 1500. Edificou este palacio o commendador Luiz Pereira Velho de Moscoso, lançando-lhe a primeira pedra em 1806, e pondo-lhe a ultima em 1834. Levou portanto esta construcção vinte e oito annos de trabalhos nunca interrompidos.

Á vista da exactidão com que a nossa gravura representa o palacio da Berjoeira, julgâmos escusado descrever a sua fórma e decorações exteriores.

A fachada principal é de ordem dorica. No corpo do centro, que é mais elevado, avulta o brasão d'armas do fundador. A outra frente, que deita para um vasto jardim, é de ordem toscana.

Corresponde internamente o edificio á magnificencia externa. A escada nobre é uma das melhores que ha no reino. As salas são espaçosas, e acham-se adornadas com bastante luxo e bom gosto em relação á epocha em que foram guarnecidas.

A capella está ornada com muita riqueza, e ostenta uma esbelta cupula.

Em fim, para que se faça uma idéa da grandeza d'este palacio diremos, que nos consta por via auctorisada, que as despezas de construcção não andaram longe de quatrocentos contos de réis. Além d'isto faremos notar algumas circunstancias que não podiam deixar de concorrer para a maior barateza possivel da obra, taes como a modicidade dos jornaes dos operarios e artifices, que nos afiançam que regulavam então por um terço dos de Lisboa; o baixo preço dos materiaes de construcção; e a facilidade com que se lavra a pedra de que é construido, especie de granito em que abundam as provincias do norte, e de que ha differentes qualidades, mais finas, e mais ordinarias, porém todas de mui facil lavor.

Tem o palacio junto de si uma grande e aprazivel quinta com bellos jardins, compridas ruas de bosque, e excellentes officinas. A adega sobre tudo é grandiosa. Está dividida em tres naves sustentadas por columnas.

Pertence actualmente esta encantadora habitação ao sr. Simão Pereira Velho de Moscoso, filho do illustre fundador, que assim soube dispender seus avultados rendimentos, animando as artes em terras onde não é commum encontrarem protecção; dando emprego em tão longo espaço de tempo a muitos braços, que difficilmente encontrariam trabalho em uma provincia que todos os annos envia para o Brasil milhares dos seus filhos, por excesso de povoação; e, em fim, ennobrecendo com tão bello edificio aquella parte do Minho mais pobre de monumentos.

O palacio da Berjoeira está proximo da estrada que

liga a visinha villa de Monção á dos Arcos de Valde-Vez, e cidade de Braga. Todavia, tal era até ha pouco o estado das communicações n'aquella provincia, como em todo o reino, que mui raros viajantes tem conhecimento d'este edificio. Porém agora, que se acha quasi concluida a excellente estrada macadamisada, que conduz de Braga pelos Arcos até Valença, ha de ser mais visitada essa parte do alto Minho. E não se hão de arrepender da digressão os viajantes que a percorrerem.

Nos tres ou quatro kilometros em derredor da Berjoeira ha logares que serviram de theatro a heroicas façanhas; antiguidades que se prendem ás glorias da fundação da monarchia; curiosidades naturaes dignas de observação; e sitios de singular belleza e amenidade.

A pouca distancia lá campêa sobre terreno elevado a villa de Monção, com o seu castello edificado por el-rei D. Diniz, e com o seu cinto de muralhas, obra del-rei D. João II.

Monção é celebre na historia portugueza por dois cercos que sustentou corajosamente contra as forças castelhanas, um na segunda metade do seculo XIV, andando travados em guerra os reis D. Fernando I de Portugal, e D. Henrique II de Castella; o outro por occasião da lucta da independencia de 1640. No primeiro immortalisou-se Deosadeu Martins, esposa do capitão-mór de Monção, Vasco Gomes de Abreu, conseguindo por industria, depois de haver dado muitas provas de valor e de devoção civica, fazer levantar o cerco no momento em que a fome ia obrigar a praça a abrir as portas ao inimigo [1]. No segundo adquiriu merecida gloria a guarnição diminutissima que defendeu valentemente a praça contra forças muito superiores, durante quatro mezes e meio de cerco e de rijos combates, fazendo a final uma capitulação honrosa, quando a fome já lhe enfraquecia os braços.

Caminhando para o rio Minho, e proximo d'elle, encontra o viajante as reliquias do castello de Lapella, fundação de D. Affonso Henriques, e cheio de recordações d'aquelles tempos cavalleirosos.

Se dirigir os passos ao longo do rio ficará encantado com a formosura das suas margens. Se voltar n'outra direcção irá admirar a notavel gruta de Agrello.

I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] Vid. a lenda do brazão de armas de Monção a pag. 55 do II vol.

CHRONICAS DO POVO

III

O PASTOR

TRADUCÇÃO DE RODRIGO PAGANINO

(Conclusão. Vid. pag. 65)

VII

No dia seguinte, a hora adiantada do dia, a força do sr. de Flavi estava parada n'um dos pontos da planicie que separa Artenay de Patay. Os cavalleiros tinham-se apeado para deixarem pastar os cavallos, deitando-se todos no chão para descançar, quando o seu chefe saíu repentinamente de uma cabana, onde lhe tinha fallado um mensageiro que chegára a galope desfechado, e mandou tocar a deita-sellas. Acabavam de lhe participar a derrota dos inglezes em Patay, e a chegada do rei com o exercito victorioso.

Todos os seus companheiros, entre os quaes a feliz noticia se espalhou logo, se davam pressa a enfrear os cavallos e a pegar em armas para irem ter com Carlos VII, quando *Exaudi nos* appareceu coberto de pó e suor.

Ao vel-o, o governador de Tonnerre, que ia montar a cavallo, deteve-se.

— Então? — perguntou elle vivamente chamando o archeiro de parte.

— Consegui.

— Pois os fugitivos?

— Olhae para elles.

O sr. de Flavi voltou-se, e viu a alguns passos, debaixo de uma nogueira, o padre Cyrillo e Remy, guardados pelos dois companheiros de *Exaudi nos.*

— Deus me salve! São elles realmente, exclamou admirado.

— Os mesmos, meu senhor; a *rainha de Neuville* fel-os apparecer á sua voz.

— Tens a certeza de reconhecerem o rapaz e o frade?

— Tanta como de vos estar vendo. A physionomia do sr. de Flavi tomou uma expressão de dureza resoluta. Olhou por instantes para os presos, como se deliberasse comsigo mesmo sobre o que devia fazer; depois, adiantando-se iradamente para elles:

— Com mil demonios! Não nos hão de escapar d'esta vez; não ha de haver incendio que salve traidores!

— Não falleis em traidores, disse fr. Cyrillo, porque bem sabeis que somos bons francezes.

— Atreves-te a olhar para mim, e a responder-me tão atrevidamente, frade fingido! — interrompeu-o Flavi com arrebatamento. Hei de dar um exemplo que sirva a estes marotos que venderam a França aos homens de além-mar.

Um murmurio de approvação se deixou ouvir entre os homens de armas que estavam mui vigilantes de guarda aos presos.

— Sim, sim, é preciso exemplos. Uma corda, preparem uma corda.

— Aqui está, disse *Exaudi nos*, tirando a arreata a um cavallo de carga.

— Não ha senão uma gravata para dois, objectou um dos homens de armas.

— Irá cada um por sua vez, como para as sentinellas, atalhou outro.

— Por qual se ha de principiar?

— Pelo frade, pelo frade!

— Não, disse de Flavi, pelo rapaz.

Exaudi nos tinha aproximado o cavallo da arvore, poz-se em pé na sella, chegou a um ramo e atou-lhe uma das extremidades da arreata. Dois soldados quizeram agarrar em Remy para o erguerem até á outra extremidade, mas o padre Cyrillo metteu-se de permeio.

— Não o mateis, bradou elle fóra de si; em nome de Deus vivo, não o mateis, que não somos espiões. O sr. de Flavi bem o sabe, porque o seu archeiro bem nos conhece. Recebeu hospitalidade no nosso convento, fui eu quem lhe pensou a ferida da perna direita. Conjuro-o para que declare a verdade toda.

— Não ha ninguem que tenha um cabo de chicote de que faça uma mordaça para este fallador? — interrompeu de Flavi.

— Falle o archeiro. Intimo o archeiro para que falle, gritou de novo o frade.

— Mais depressa, replicou o governador, enforquem o rapaz, enforquem-n'o.

— Mas o padre Cyrillo tinha conseguido soltar as mãos, e continuava a defender Remy com desespero.

— Não, replicou elle, não o podeis enforcar porque é de sangue nobre. Defendei-o, meus senhores, ao menos em quanto se não sabe a verdade, dêemnos tempo para provarmos quem somos. É uma traição, um assassinio. O sr. de Flavi quer desfazer-se de um parente...

— Acabas com isso, archeiro do inferno? — exclamou

de Flavi empallidecendo e ameaçando *Exaudi nos* com o murro fechado. E lá? Tambem não podeis acabar com um frade e com um rapaz? Puxem essa corda, pelos santos do ceo, puxem essa corda. E se o não podem enforcar, abram-lhe as goelas com a espada.

Pronunciando estas palavras, tirára a adaga da cinta, quando foi interrompido por grandes gritos soltados de repente, e por um grande movimento que fizeram os homens de armas que o cercavam. Um troço de cavalleiros apparecêra na volta da estrada, e vinha chegando no meio de turbilhões de poeira. Pelos trajos de seda e de oiro, pelos pennachos que ornavam os elmos e os cavallos, conheceram logo que era a guarda de honra do rei.

No meio d'esta achava-se Carlos VII acompanhado pelo condestavel de Richemond, de la Tremouille e pela donzella de Orleans, que trazia o seu estandarte de bocaxim franjado de oiro.

N'este estandarte estava figurado Christo, sentado no seu throno entre nuvens, tendo na mão o globo. Mais abaixo viam-se dois anjos em adoração, e estas palavras escriptas em letras de oiro: *Jesus Maria.*

A tropa, illuminada por um raio de sol, com o qual brilhavam as telas e as armas, chegou n'um pulo até onde estava o sr. de Flavi, e fez alto a alguns passos da nogueira.

Reconhecendo o rei, todos os homens de armas correram aos cavallos para se enfileirarem, e Flavi teve que os imitar.

Os tres soldados ficaram sósinhos em companhia do frade e de Remy, mas largaram este, que tinham levantado até á altura da corda, e deixaram-no cair no chão.

Houve um momento em que todos os olhos, mesmo os dos dois presos, se dirigiram para o exercito victorioso que parára n'aquelle sitio. O grupo, no meio do qual vinha o rei, destacou-se lentamente, e adiantou-se em direcção da força do sr. de Flavi, que acabava de entrar em fórma. A donzella caminhava á direita de Carlos com a armadura que tinham fabricado de proposito para ella, e trazendo á cinta a espada de cinco estrellas que se achára na egreja de Fierbris. Trazia a viseira caída, como se fosse entrar em combate.

Chegando a alguma distancia da arvore, viu o frade e o rapaz, e reparou na corda que estava pendente.

— O que vão fazer áquella gente? — perguntou ella parando.

— Não façaes caso, disse o sr. de Flavi, desejando passar adiante, são uns traidores.

— Então que morram, se for essa a vontade de Deus, disse Joanna suspirando.

Depois, como se fosse aproximando mais, parou outra vez e ficou attonita.

— Traidores! repetiu vivamente. Pela minha alma, que vos enganastes, senhor.

E levantando a viseira, mostrou aos olhos estupefactos de Remy as feições da pastora de Domremy.

O rapaz soltou um grande grito estendendo os braços para ella, que levou o cavallo até proximo dos presos e inclinou-se para Remy.

— É verdade o que acabaram de dizer? — perguntou Joanna com inquietação; és amigo dos inglezes?

— Dêem-me armas, respondeu-lhe Remy com um movimento de indignação ardente, e vereis se o meu coração pertence a Carlos ou a Bedford.

— Pelo meu Deus, isto chama-se uma boa resposta, disse a donzella voltando-se para Carlos; e o nosso gentil rei não me ha de recusar o perdão de um pobre cabreiro da minha terra.

— Pedi antes justiça para elle, exclamou o frade, e em pouco tempo o pobre cabreiro virá a ser um senhor nobre e rico; porque, tão certo como haver um só Deus trino em pessoas, é este rapaz filho legitimo da dama de Varennes.

— Mentiste pela gorja, frade! — exclamou o sr. de Flavi, que fez avançar o cavallo bruscamente para cima do padre, dando-lhe um encontrão tão violento, que o deitou por terra atordoado e cheio de sangue.

— Levem d'aqui este embusteiro, disse fazendo signal á sua gente para o agarrarem.

Joanna, porém, tinha-se apeado para acudir ao frade, e exclamou commovida:

— Jesus! está ferido. Ajudae-me a soccorrel-o, senhores, opprime-me o coração ver correr o sangue de um francez.

— De feito, acudiu o rei severamente, não é acção de cavalheiro.

— Não é, continuou a donzella, os leaes cavalheiros não atacam os fracos; mas, pela minha salvação, estes não me hão de deixar; e, com a protecção do nosso gentil rei, havemos de verificar o seu dito.

É facil isso, replicou Carlos VII, esta mesma noite devemos passar pelo castello de Varennes. Trazei os vossos prisioneiros, Joanna, leval-os-hemos á presença da dama, e de homens de conselho que decidirão do caso.

A estas palavras virou de rédea e proseguiu. Joanna chamou logo a fr. João Pasquerel, leitor no convento dos agostinhos de Tours, que lhe tinham dado como capellão particular, e confiou á sua guarda os dois viajantes. Pediu ao cavalleiro João de Aulou, que lhe servia de escudeiro, se lhes arranjava cavallos, animou os presos com palavras piedosas, e em seguida foi ter com a comitiva do rei.

O padre Cyrillo e Remy dirigiram uma fervente oração a Deus, para lhe agradecer o soccorro inesperado que lhes enviára.

Entretanto, se o perigo tinha passado, a prova mais séria era a que lhes restava ainda para experimentar. Dentro de algumas horas a sorte de Remy ia decidir-se, e com este pensamento estremeciam ambos involuntariamente. Em quanto tinham estado longe do seu ponto de mira, as difficuldades da jornada haviam-lhes absorvido a attenção, e occupado unicamente a sua energia; não se tinham preoccupado ainda com os meios pelos quaes provassem a realidade dos direitos de Remy; os documentos que lhes tinham bastado para acreditarem, haviam-lhes parecido tambem sufficientes para persuadir; chegára porém a occasião de fazerem valer estas provas, e principiaram a temer e a duvidar.

As affirmações de Remy, reforçadas com a declaração do cabreiro que o educára, seriam por ventura bastantes para convencer a dama de Varennes, e as pessoas que deviam examinar este negocio? O padre Cyrillo, que tinha vivido muito pouco entre os homens para lhes saber desenredar os tramas, mas ainda assim bastante para se arrecear d'elles, cada vez se mostrava mais inquieto pelo resultado do exame.

Cavalgaram todo o dia, ao lado um do outro, atormentados ambos com a idéa da prova annunciada, mas sem o quererem dizer um ao outro. Finalmente pela tarde acamparam proximo do castello de Varennes. Ambleville, que era um dos arautos da donzella, veiu buscar Remy e o seu conductor.

Encontraram na sala grande do castello a Joanna rodeada por muitos bispos e nobres, que formavam o conselho do rei. O sr. de Flavi estava proximo da porta com aspecto mais feroz ainda do que o costume.

No momento em que o frade entrou com Remy deu a donzella um passo ao seu encontro.

— Em nome da Virgem Maria, disse-lhes ella, aproximae-vos sem receio, e exponde a vossa causa a estes senhores, que são pessoas de bom conselho. Se tiverdes fallado verdade, conforme eu creio, hão de ser misericordiosos comvosco.

Fr. Cyrillo inclinou-se respeitosamente perante os membros do conselho.

— Deus lh'o pagará, disse com uma especie de altivez que só o habito de frade podia justificar; porque foi dito nas escripturas sagradas: Assim como o homem julgar, assim será julgado tambem.

Regnault de Chartres, arcebispo de Reims, chanceller de França, fez signal aos outros membros do conselho, que se sentaram; depois começou no interrogatorio de Remy e do padre Cyrillo. Este contou-lhe por miudo quanto o leitor já sabe: a chegada do cabreirito ao convento, o encontro do archeiro, a partida, os accidentes da jornada, e finalmente, para apoiar as suas affirmações, leu o testamento em fórma de carta de Jeronymo Pastourel antes de morrer.

Mas o senhor de Flavi, que tinha escutado esta narração com uma especie de sorriso de incredulidade ironica, encolheu os hombros quando o frade acabou.

— A fabula está menos mal ideada, disse com ares de desprezo, e podia mesmo illudir pessoas de algum tino; antes porém de responder ao reverendo, bom será que se oiça o archeiro, cujas confissões lhe deram a conhecer as pesquizas da dama de Varennes.

O chanceller determinou que o mandassem entrar, e o archeiro apresentou-se.

Affectava uma timidez respeitosa, que dispoz o conselho em seu favor. Depois de o ter tranquillisado, o arcebispo de Reims pediu-lhe que declarasse o que sabia. Ricardo contou-lhe, que tendo divulgado elle archeiro, que a dama de Varennes andava procurando seu filho, o padre Cyrillo resolvêra apresentar Remy em logar do rapaz, convidando-o para entrar na combinação. O archeiro depoz com tanta serenidade e franqueza, que o conselho pareceu abalado; mas Joanna, que se retirára de parte para rezar, segundo o seu costume, aproximou-se n'este momento, e ouvindo as ultimas palavras de *Exaudi nos*, exclamou:

— Pela verdadeira cruz! Esta testimunha conheço eu. Foi o que projectou traiçoeiramente a minha morte, quando eu vinha procurar el-rei.

A esta declaração inesperada seguiu-se um movimento geral: os juizes ficaram estupefactos; *Exaudi nos* fez-se pallido, e o padre Cyrillo aproximou-se de Joanna.

— É elle, não tem duvida alguma, continuou esta, que conservára os olhos fitos em Ricardo. Com o auxilio do enviado devia afogar-me á passagem da ponte.

— E se escapastes, acrescentou o frade, é a Remy, abaixo de Deus, que o deveis; pois que a voz que ouvistes na egreja de la Roche era a d'elle.

— Pela minha alma, se é assim, não lhe hei de ficar em divida, disse Joanna, e o nosso gentil rei ha de ajudar-me a pagal-a, como é de justiça.

Este incidente produzíra uma reacção tão repentina como inesperada. A accusação feita a *Exaudi nos* por Joanna, tinha destruido de todo o bom effeito que produzíra o depoimento do archeiro; e o serviço prestado á heroina pelo rapaz, tinha evidentemente voltado em seu favor a opinião do conselho. O sr. de Flavi conheceu-o, e interrompendo as expressões de reconhecimento da donzella:

— É discutir de mais tal negocio, disse elle; para evitar debates e demoras peço que seja julgado por Deus, e atiro a luva a qualquer campeão que pretender defender a mentira do frade.

Remy quiz de impeto ir apanhar a luva do sr. de Flavi; o padre porém deteve-o.

— Deus só deve julgar quando a sabedoria humana falhe, disse o frade; e por em quanto é o conselho que deve decidir.

— Pela minha salvação, se me atrevesse a fallar diante de pessoas tão sábias, disse Joanna, perguntaria porque não é chamada a dama de Varennes. As mulheres sabem conhecer a voz do seu sangue.

Os membros do conselho mostraram por um movimento combinar com este alvitre; consultaram-se por um instante, e depois de terem feito retirar o frade e Remy para detraz de um reposteiro, mandaram chamar a dona do castello.

Apresentou-se esta acompanhada pelo seu capellão. Era uma senhora de quarenta annos, que tinha sido formosa, mas a quem os pezares e as austeridades tinham empallidecido. Trazia vestuario de viuva em actos de ceremonial, com véo e coifas. Sabendo que se tratava de seu filho, acudiu fóra de si, e no primeiro grito perguntou onde estava. O chanceller fez todas as diligencias para a tranquillisar.

— O que reclama o vosso nome ainda não provou que tinha direito a usal-o, disse.

— Que venha, replicou vivamente a dama de Varennes, tenho certeza de que o hei de reconhecer.

— Como? — perguntou o arcebispo.

— Interrogando-o a respeito da sua infancia, mostrando-lhe o castello onde nasceu, ou antes... Não. Tenho meio muito melhor, meus senhores, um meio infallivel: a oração de Santa Clotilde.

— Uma oração!

— Transmittida de mães para filhos na nossa familia, e que é uma especie de privilegio do morgado. Meu filho tinha tres annos quando eu lh'a ensinei. Se a não esqueceu, se poder repetir algumas palavras que seja, não poderá existir a menor duvida; porque só eu e elle a sabemos. E procurando com os olhos á roda o que podesse ser seu filho, a viuva entrou a murmurar com voz trémula:

— Santa Clotilde! Vós que não tendes filho no paraiso, tomae o meu sob a vossa protecção, guardae-o, quando eu o não poder guardar, aqui e em toda a parte.

Parou anciosa como se esperasse resposta a esta especie de invocação. De repente uma voz firme e juvenil se ouviu continuando:

— Santa Clotilde, dou-te o meu filhinho para o fazeres homem, dou-t'o fraco para que o faças forte. Encurta a minha existencia para acrescentares a d'elle, tira-me todas as alegrias para lh'as concederes.

A dama de Varennes soltou um grito, estendeu os braços e caiu de joelhos.

— Sabe a oração, balbuciou ella... É elle, é meu filho!

— Minha mãe! — respondeu a voz.

E o reposteiro puxado com violencia deixou ver a Remy, que se lançou nos braços da viuva.

Scenas d'estas não se descrevem. Por muito tempo não houve de parte a parte senão soluços de alegria, nomes soltos, e abraços regados de lagrimas. Os membros do conselho estavam commovidos, Joanna rezava e chorava, e o padre Cyrillo, louco de alegria, corria pela sala gritando:

— Tinha toda a certeza; o horoscopo tinha-o annunciado. Perseguido pelo Toiro, soccorrido pela Virgem e por Marte. A Virgem e Marte é Joanna, a pura e guerreira Joanna, *sicut erat Pallas*. Agora, que Deus salve a França, eu cá já salvei o meu cabreirito.

VIII

Quando tomou o nome e estado que lhe competiam pelo seu nascimento, Remy não se esqueceu do passado. O padre Cyrillo foi sempre considerado por elle como seu bemfeitor e seu pae espiritual. A dama de Varennes e Remy não o deixaram saír mais do castello, e deram-lhe uma torre para laboratorio. Joanna, essa proseguindo na sua missão libertadora, e depois de ter conduzido o rei Carlos até Reims, continuou a expulsar os inglezes de provincia para provincia, e de cidade para cidade. Finalmente, como soubesse que estavam sitiando Compiègne, correu a encerrar-se dentro d'esta cidade.

Mas o sr. de Flavi, que era governador de Compiègne, não se esquecêra de que fôra á intervenção de Joanna que devêra a perda da sua fortuna. N'uma sortida, em que, ella repellíra os inimigos com o seu valor costumado, ficou á retaguarda dos que recolhiam, e achou as portas da cidade fechadas. Feita prisioneira pelos inglezes, foi condemnada por feiticeira e queimada viva em Rouen. Quando Remy soube da morte de Joanna, chorou ao mesmo tempo a sua salvadora e a libertadora da França. Fr. Cyrillo, esse suspirou, mas não pareceu admirar-se.

— Muito bem, murmurou elle, verifica-se o horoscopo!... Sempre a hostilidade do Toiro!... Ai de mim, ninguem póde escapar ao juizo de Deus, nem á má influencia da sua estrella!

EGREJA DE S. FRANCISCO DE PAULA

Correndo o anno de 1435 fundou S. Francisco de Paula na cidade da Calabria, onde teve o berço, e cujo nome lhe ficou servindo de appellido, uma ordem religiosa, que intitulou *ermitães penitentes*. Tinham o ermo por habitação; a castidade, a pobreza, a clausura e o jejum perpetuo por votos solemnes; a penitencia por exercicio quotidiano, e a caridade por preceito do seu instituto.

O papa Alexandre VI, por sua bulla de 26 de fevereiro de 1493, approvou a regra da nova ordem, porém mudou-lhe o nome no de *religiosos minimos*. Fallecendo o fundador no anno de 1506, com 92 an-



E. LIMA — COELHO.J—PEDROZO

Egreja de S. Francisco de Paula

nos de edade, e sendo canonisado em 1519 pelo summo pontifice Leão X, principiou desde então a denominar-se a referida ordem — *religiosos minimos de S. Francisco de Paula*.

Introduziu-a em Portugal fr. Ascenso Vaquero, natural da villa de la Palma, e religioso leigo minimo do convento de Nossa Senhora da Consolação da villa de Utrera, na Andaluzia.

Vindo a Lisboa fr. Ascenso em 1717, obteve del-rei D. João V um decreto, que lhe deu auctorisação para fundar na cidade um hospicio em que assistissem alguns religiosos minimos.

Apressou-se a dar parte d'esta permissão ao seu prelado, que lhe enviou immediatamente varios frades, com os quaes se estabeleceu em umas casas que arranjou no sitio da Pampulha, defronte do convento de S. João de Deus.

Em 1719 concedeu-lhes licença o patriarcha para terem ermida com porta para a rua; e logo trataram de a edificar, e de dar á casa em que habitavam melhor fórma de hospicio. Fizeram-se as obras á custa de esmolas.

Aqui viveram por muitos annos os frades minimos no seu humilde e pobrissimo hospicio, sem outro templo mais que uma ermida aceiada, porém muito pequena.

Subindo ao throno em 1750 el-rei D. José, determinou sua esposa, a rainha D. Marianna Victoria, filha de D. Filippe V, rei de Hespanha, proteger aquelles religiosos seus patricios. Não podendo consignar-lhes rendimentos, porque a isso se oppunha o voto de pobreza, quiz que tivessem uma boa egreja, onde exercessem os officios divinos, e um convento com bastante amplidão para assistirem.

Começou-se pois a fundação da nova egreja e convento em 1753, occorrendo aquella soberana á principal despeza. Entretanto foram os frades solicitando esmolas com que auxiliaram bastante as obras. Mas, apesar de tudo isto, só a egreja se concluiu, ficando apenas acabada uma parte do convento.

Pela extincção das ordens religiosas foi vendido o edificio do convento, mas o templo conservou-se para o culto divino, que n'elle celebra as suas ceremonias com regularidade e decencia.

O frontispicio da egreja é todo construido de cantaria bem lavrada. As duas portas com grades de ferro dão ingresso para o vestibulo por dois lanços de escadas de pedra. A grande janella, que se vê entre as duas portas, pertence ao vestibulo, e acha-se em perfeita correspondencia com a porta por onde se entra na egreja. Sobre aquella janella resalta da parede o brasão d'armas da augusta fundadora.

Jacome Azzolini, italiano, que veiu para Lisboa antes do terremoto de 1755, a fim de ser empregado como pintor no real theatro dos paços da Ribeira, dirigiu como architecto parte das obras do templo de que tratâmos. As duas torres foram feitas segundo o seu desenho. Ignacio de Oliveira Bernardes foi o outro architecto d'este edificio.

É dedicada esta egreja a S. Francisco de Paula, cuja imagem está pintada no retabulo da capella-mór pela mão de Vieira Lusitano, um dos mais famosos pintores que tem honrado o nosso paiz, e que occupa sem duvida um logar distincto entre os grandes mestres estrangeiros.

São tambem do pincel d'este eximio artista os quadros de *Nossa Senhora da Conceição*, *da Sagrada Familia*, e *de Santo Antonio*, que decoram tres das capellas do mesmo templo, e que foram concluidos em 1765.

O tecto da egreja foi pintado por Francisco Paes, que n'aquelle tempo gozava n'esta cidade de reputação de bom pintor, sobre tudo no genero de ornatos, frutas, flores, etc.

É decorado o templo com bellos marmores de diversas côres. Na capella-mór repousa a rainha D. Marianna Victoria em rico mausoleu de marmore.

Quanto ao convento acha-se transformado em duas excellentes casas de habitação. A do lado de oéste, que fica á esquerda de quem entra na egreja, foi feita desde os alicerces, e substituiu o que restava do edificio do antigo hospicio, que era pequeno e de mesquinha construcção.

A casa do lado de léste é a obra moderna do convento, continuada e acabada agora segundo o risco primitivo, isto é, exteriormente, pois que o architecto, attendendo mais á munificencia da real fundadora, do que á pobreza e regra apertada dos religiosos minimos, edificava-lhes um palacio em vez de convento.

A gravura mostra, além da egreja de S. Francisco de Paula, cuja frente está voltada para o sul, a *rua direita de S. Francisco de Paula*.

I. DE VILHENA BARBOSA.

LISBOA EM 1584

Em o n. 32 do vol. v d'este semanario, principiámos a verter do latim um epitome da *Primeira embaixada do Japão á Europa*, que ficou concluido com o n. 52 do mesmo tomo. Indicando apenas em o n. 36 o assumpto do colloquio XVI do *Diario* d'esta famosa embaixada, em que seu auctor, o P. Duarte de Sande, descreve a cidade de Lisboa, promettemos publicar em artigo especial aquella descripção. Vamos hoje desempenhar-nos da promessa, e acrescentar os fastos archeologicos da capital da monarchia portugueza com algumas memorias topographicas e historicas, que matizadas pela finissima penna dos escriptores insignes d'este jornal, os ajudarão por ventura a dar mais relêvo ao quadro da opulenta, gloriosa e antiga Lisboa, que elles tomaram a peito investigar e engrandecer.

Lisboa, diz o P. Sande, parece que encerra duas cidades não mediocres, com suas muralhas, fortificações e baluartes, em que se contam trinta e oito portas e setenta e sete torres [1]. Tem mais de cento e trinta egrejas [2], quarenta das quaes são parochias, e as restantes pertencem a conventos, irmandades, e outras fundações. Admiram-se aqui seis magnificos palacios reaes; dois junto á beira do Tejo, e quatro em outros pontos internos da cidade [3]. Quanto aos palacios dos fidalgos não é facil reduzil-os a numero certo, pois quasi todos os que vivem nas provincias e tem senhorio de terras, costumam levantar com grandes gastos ostentosos edificios em Lisboa para sua residencia, assim por ser ameno e sadio o seu clima, como por não poderem separar-se dos senhores reis de Portugal, desde que estes estabeleceram n'esta cidade a sua corte. Contém sete hospitaes [4], do maior dos quaes brevemente hei de tratar, e muitos outros edificios destinados para diversos usos do estado, que foram fundados á custa da fazenda publica ou del-rei.

Para a banda occidental tem o rio Tejo, que a banha, a sua foz celeberrima fechada por ambos os lados com duas torres fortissimas e bem municiadas, uma de S. Sebastião [5], outra de Belem. Esta ultima, que assenta na margem esquerda do rio [6], é de admiravel construcção, pois tem os alicerces no proprio mar, e está tão revestida em roda de baluartes, e tão abastecida de artilheria e presidio militar, que defende todo aquelle lado de qualquer assalto inimigo. De mais, nem uma só nau portugueza ou estrangeira que entra no porto de Lisboa deixa de lhe prestar homenagem com um tiro de peça ao menos, ferrando algumas vezes o panno, e mandando sempre ao castello uma lancha com seus officiaes, sob pena de ser submergida pelas balas de sua artilheria.

Não muito distante d'esta fortaleza está o famosissimo mosteiro de monges de S. Jeronymo, dedicado, assim como a torre [7], a Nossa Senhora de Belem. Entre os edificios religiosos de Lisboa póde este reputar-se o melhor. Foi edificado pelo esclarecido rei D. Manuel, e ampliado magnificamente por seu filho el-rei D. João III. E foi a razão d'isto, que depois de muitas e famosas victorias ganhas na Africa pelos reis seus predecessores, pondo o poderosissimo rei D. Manuel todo o seu cuidado em a navegação da India, e descoberta esta parte do mundo em seu felicissimo tempo, assentou aquelle afortunado monarcha que não podia fazer nada mais talhado para o caso, como fundar na primeira entrada do porto de Lisboa aquelle convento, sanctuario augusto de piedade e religião, aonde todos os que houvessem de navegar para varios pontos da terra fossem receber os santos sacramentos, e encommendar-se a Deus, para encetarem felizmente a sua navegação.

Muitas são as coisas que tornam este convento sem duvida insigne. Primeiramente os dormitorios dos padres são vastissimos, e entre estes ha uma galeria ou corredor tão comprido, que quem estiver no topo, ainda que tenha a vista muito aguda, não poderá

[1] Vid. cerca de D. Fernando a pag. 327 do vol. v.

[2] Incluindo as ermidas com porta para a rua, o numero dos templos de muros a dentro era quasi duzentos.

[3] Vid. o fragmento do nosso roteiro de Lisboa, relativo aos paços reaes, a pag. 167 do vol. IV. Em o seguinte numero do *Archivo* apresentaremos algumas observações acerca dos seis palacios reaes de que falla o padre Sande.

[4] Brevemente publicaremos o capitulo do nosso roteiro sobre — hospitaes e mais estabelecimentos de caridade.

[5] Depois Torre Velha, hoje Lazareto vid. o vol. v. pag. 233.

[6] É a margem direita e não esquerda.

[7] A torre é dedicada desde a sua fundação a S. Vicente.

reconhecer um homem que esteja na extremidade opposta. O claustro d'este convento, assim por suas magnificas abobadas, columnas e pavimento, como pelos paineis que lhe estão ornando as paredes, e representam a paixão do Salvador, está manifestamente apregoando a magnificencia do real fundador. O que direi da egreja annexa? Cada uma de suas partes pediria um colloquio inteiro. Entre estas prima a capella-mór, destinada desde seu principio para sepulchrario dos reis de Portugal. É toda construida de fino marmore branco, e tão lustroso, que, á maneira de jaspe, reluz ao longe. Estão alli collocados os jazigos de quatro reis e rainhas, cada um dos quaes poisa em cima de dois bem lavrados elephantes, da mesma preciosa pedra, em cujas bocas foram engenhosamente embutidos dentes de marfim. As campas dos tumulos estão ornadas de coroas de oiro artisticamente trabalhadas. Tem tambem muitas reliquias, e entre estas tres cabeças das onze mil virgens, alli reunidas e collocadas por diligencia dos serenissimos reis de Portugal. A riqueza e abundancia das alfaias de oiro e prata, os paramentos de seda lisa e bordada a oiro, é tal e tanta quanto convinha á grandeza dos reis alli sepultados. Entre estas peças porém avulta o preciosissimo calix de finissimos lavores a cinzel, feito do primeiro oiro vindo do Oriente a Portugal, que el-rei D. Manuel offereceu á Santa Virgem como primicias da navegação da India. [1]

Mas passemos já á descripção da cidade. Se a considerarmos na parte interna conjunctamente com os seus arrabaldes, figura um arco com sua setta apontada. A praia é como a corda; a parte central estende-se a modo de setta, e os lados que comprehendem dois grandes montes formam o arco. Farei pois uma especie de jornada de tres dias, pois não menos são precisos para percorrer os mais celebres logares da cidade.

Principiando da praia de Belem, onde está o convento d'este nome, na distancia de uma milha, o primeiro edificio dos suburbios de Lisboa que se apresenta é o templo de Santo Amaro. D'aqui por diante encontram-se algumas egrejas e logares celebres, que omitto para fallar do arsenal que está proximo do real paço. Occupa este um espaço vastissimo, fechado em parte pelos muros da cidade, e em parte pelas obras do mesmo paço, e estende-se até ao mar [2]. Construe-se alli todo o genero de navios, e especialmente essas grandes naus e galeões que abriram a navegação da India, e a conservam ainda com as suas continuas derrotas. Diz-se que a construcção de cada uma d'estas naus custa vinte mil cruzados. É admiravel aqui, na verdade, a abundancia de tudo o que é necessario para abastecer a armada, pois não falta grande quantidade de mastros, vergas e calabres muito ensebados e compridos; toda a sorte de pez e alcatrão; nem a arte de amollecer o ferro e o aço; nem finalmente as machinas e engenhos para levantar pesos, abundando Lisboa em subido grau de tudo isto, quer de invenção portugueza, quer de importação estrangeira.

Passarei agora a descrever o palacio real, cuja vastidão, magnificencia e commodidade é tão excellente, que os reis de Portugal costumam quasi sempre habitar n'elle [3]. O seu terreiro, junto ao mar, é tão espaçoso que offerece aos cavalleiros e fidalgos portuguezes o mais bello sitio para passear e espairecer, especialmente no estio, em que, pela amenidade do sitio, pelo vento fresco do mar, e pelas regas quotidianas de agua levada em carros para esse fim, parece estar convidando a todos para tão bello logradoiro. E o que direi da regia habitação, dos seus porticos, dos seus pateos, das suas columnatas, das suas varandas e eirados, das suas salas e aposentos de todo o genero, que costumam alojar el-rei, a rainha e sua numerosa familia, os irmãos e filhos del-rei? Serve agora de não pequeno embellezamento a este palacio, o baluarte que se construiu até á praia, e está bem fortificado e bastecido de artilheria e de todas as machinas precisas. Tambem tem este paço um jardim delicioso com muitas arvores, plantas recendentes, e alamedas repartidas em taboleiros de varias côres, que são um primor d'arte.

Tem de mais uma capella com numerosa collegiada, composta de respeitabilissimos ecclesiasticos, presididos quasi sempre por um bispo. Fazem-se aqui os divinos officios com tal ordem, tão excellente e variada musica vocal e instrumental, que mais se lhe póde chamar uma cathedral que não uma capella. Junto ao real paço ha outros edificios de rara celebridade, entre os quaes tem o primeiro logar o arsenal real, ou sala de armas, onde cuidadosamente se conservam todos os instrumentos proprios da arte da guerra. Vêem-se alli enormes peças de artilheria, fundidas de optimos metaes, algumas das quaes foram ganhas aos inimigos nos campos de batalha, e mostram-se como tropheos das victorias alcançadas; outras foram construidas á custa da real fazenda para servirem nas guerras. Admiram-se varios repartimentos de diversas armas; estes com espingardas, aquelles com hastas, aqui espadas, acolá toda a casta de armamentos pesados e ligeiros, de ataque e de defesa. Além estão bem figuradas estatuas de cavalleiros armados de ponto em branco, montados em cavallos de pau, tão ao vivo affeiçoados, que podem reputar-se homens de lança em punho para a peleja. Finalmente, tão ricas em armas são estas salas reaes, que, ao menos nos annos atraz, podiam armar e apparelhar para a guerra um exercito de setenta mil homens. Por onde aquelle arsenal goza entre os portuguezes grande fama; e não é sem razão, pois podemos dizer que é d'alli, e d'esta cidade, que tem saido armados esses varões illustres vencedores de todo o Oriente; e o que é ainda mais para admirar, é que mesmo n'estes nossos tempos sáem todos os annos do porto de Lisboa para a India, Brasil e mais colonias de Portugal, excepto as da Africa, quasi *tres mil portuguezes*, os quaes conservam gloriosamente as conquistas de seus maiores. [1]

Proximo do arsenal está a casa da India, em que se guardam as mercadorias e especiarias que de todo o Oriente trazem a Portugal as naus da carreira da India, e que sendo levadas e vendidas na Belgica, em França, na Allemanha, n'outras partes da Europa, enriquecem de sobejo o real thesouro.

No mesmo real palacio ha varias salas destinadas ás sessões de varios tribunaes. Em algumas reunem-se muitos jurisconsultos peritissimos, chamados desembargadores do paço, os quaes julgam em nome del-rei muitas causas civis e criminaes, e conhecem de muitos outros negocios tocantes ao direito e legislação patria, e á remuneração dos cidadãos benemeritos. N'outras reune-se a mesa da consciencia e ordens, composta de outros varões não menos insignes por sua sciencia do direito e das leis, cujo encargo é expedir e consultar os negocios das tres principaes ordens militares do reino, sujeitas ao rei como seu grão-mestre, e tam-

[1] Vid. o artigo e gravura a pag. 1 d'este vol., e a pag. 241 do vol. II, descripção e gravura da custodia dos Jeronymos. O auctor equivocou-se chamando-lhe calix.

[2] Era o arsenal da marinha, chamado primeiramente *tercenas nacaes*, e depois *ribeira das naus*. Occupava quasi o mesmo espaço do arsenal actual.

[3] Allude aos paços da Ribeira, fundados por el-rei D. Manuel, e muito acrescentados em epochas posteriores. Consagraremos para o diante um artigo especial a este grande edificio, dando-o a conhecer em gravura.

[1] Chamava-se a este arsenal *armazem das armas*. Foi obra d'el-rei D. Manuel. Occupava o lado de oeste do Terreiro do Paço, onde agora vemos a arcada das secretarias dos negocios estrangeiros, do thesouro, e fazenda. Depois de feito o dito armazem, e em continuação d'elle outros para as repartições da casa da India e contratação de Guiné, edificou-se por cima de todos uma galeria de salas e quartos para aposento regio, que se ligou aos paços de D. Manuel por um arco, que ficava onde começa presentemente a rua do Arsenal.

bem aquelles que por versarem sobre negocios ecclesiasticos, tocante á consciencia del-rei, que a final os resolve e sancciona com mais segurança e tranquillidade.

O outro tribunal que tem assento no recinto do paço é o conselho da fazenda, a que pertence tudo o que respeita ás rendas publicas, tributos, minas, arrematações e contratos do estado. Compõe-se esta junta de tres fidalgos distinctos, e muitos outros conselheiros de reconhecida aptidão. Superior a todos, porém, e mais que todos honorifico, é o conselho de estado, composto de fidalgos nobilissimos e magistrados sapientissimos, que os antigos reis costumavam convocar e presidir quando graves negocios da republica, assim no continente do reino, como na Africa, India e mais provincias da monarchia, exigiam e demandavam maduro conselho. Hoje, extinctos os reis naturaes do reino, convoca e preside, nos mesmos casos, este conselho, o cardeal Alberto, que governa por D. Filippe rei de Hespanha.

Um pouco além do real paço e da sua área ha muitos outros palacios magnificos, diante dos quaes ha muitas praças com seus logares para se venderem os animaes mansos e de montaria, as aves domesticas e de caça, todo o genero de lacticinios que os europeus muito apreciam, doces, bolos e regalos de sobremesa de muitas qualidades, e todos os mais comestiveis, tudo em grande abundancia e variedade [1]. E das carnes é tanta a fartura, que enchem *tres* grandes açougues situados em diversas partes da cidade. Quanto a peixes, é tal a multidão e variedade dos frescos e salgados, e são de tão excellente sabor, que não sómente se exportam para muitas terras maritimas de Portugal, senão tambem por mar e por terra para muitas cidades da Europa.

Fallemos porém já do terreiro do trigo [2], que póde chamar-se de verdade o celleiro de Portugal, em que se junta o trigo, não sómente de muitas partes do reino, e especialmente do Alemtejo, mas tambem de muitas outras provincias e reinos. Pois não devo omittir que, assim como os povos orientaes se sustentam de arroz, assim tambem os europeus se alimentam de pão de farinha de trigo, que em Lisboa é feito por padeiras de todas as provincias de Hespanha, que são grandes mestras n'esta arte, e lhe dão um sabor finissimo. Não longe d'aqui, só com um intervallo de um beco, vê-se a egreja [3] e casa da celebre irmandade da Misericordia, por se occupar com todo o esmero em actos de misericordia e piedade, como são soccorrer com esmolas os pobres, dar remedios aos doentes, enterrar os mortos, remir os captivos, casar donzellas, e finalmente exercer todas as obras de caridade. Esta irmandade de Lisboa é como que a mãe de todas as outras que ha nas cidades e villas de Portugal, assim como nos seus dominios de além-mar.

E sem fallar da construcção d'esta egreja e casa, que é uma obra verdadeiramente real, é para notar que os seus cargos são exercidos por homens plebeus e da primeira nobreza; e que apesar de não ter esta irmandade, nem poder ter nenhuma renda, segundo o seu instituto, junta comtudo tão quantiosas sommas de dinheiro, havidas por testamento e por outros titulos, que todos annos gasta em soccorrer os pobres, as viuvas, as donzellas, e outros necessitados, trinta, quarenta, e algumas vezes sessenta mil cruzados.

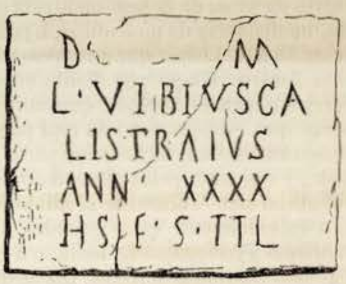
Aformosentam esta parte oriental da cidade muitas outras obras preciosas, como são a do palacio ou real edificio em cujos armazens está a alfandega [1] onde se arrecadam todas as mercadorias que pagam direitos reaes, excepto as da India, que tem casa especial. E como o porto de Lisboa é frequentado por muitos povos da Europa, é prodigiosa a multidão de homens de negocio que alli acodem, e não menos a somma que engrossa o erario regio proveniente d'estes tributos. A parte superior d'este edificio, que era antigamente destinada aos tribunaes, está hoje occupada pela casa dos Contos, em que os contadores e officiaes da real fazenda lançam as verbas da receita e despeza publica.

(Continúa) A. J. DE F.

INSCRIPÇÃO ACHADA NAS RUINAS DE CETOBRIGA

N'uma escavação feita em 1860, na margem esquerda do Sado, defronte de Setubal, e no sitio onde existem as ruinas que se diz serem de Cetobriga, encontrou-se, entre outras, uma urna de vidro [2], de pouca grossura e azulado, contendo cinzas, e um Rude, que é uma pequena vara de vidro, em fórma de corda, ou de varinha de barba de baléa torcida, tendo uns 20 centimetros de comprimento. É opinião mais seguida, que o Rude era entregue áquelles escravos a quem se dava liberdade, como signal da sua alforria.

Sobre a urna assentava uma lapida com a seguinte inscripção:



A traducção no nosso idioma é esta: *Aos Deuses Manes. Lucio Vibio Calistrato. De quarenta annos de edade. Está aqui sepultado. A terra lhe seja leve.*

Lucius Vibius Calistratus sería pois o nome do liberto cujas cinzas continha a urna.

A. C.

Arrenego da mercê
Pedida mais de uma vez.
Arrenego das formosas
Cujas obras são mui feias.
Arrenego dos que medem
Maus e bons de uma maneira.
Arrenego da má graça
E de quem não tem vergonha.

CANCIONEIRO DE RESENDE.

[1] O principal mercado de Lisboa n'esse tempo era no sitio que hoje chamâmos *Ribeira Velha*, onde no reinado de D. Fernando eram as *tercenas navaes*. No fim do seculo XVI era um vasto terreiro, maior que a praça do Commercio, do lado do sul rematando em praia, e pelo centro povoado de barracas de madeira, nas quaes se vendiam para uma parte aves, ovos, e sal; para outra frutas verdes e sêccas; mais além hortaliças, legumes, etc., adiante pescado.

[2] O edificio do Terreiro foi mandado construir por el-rei D. João III. Estava contiguo á *casa dos contos* (corresponde á repartição do Thesouro publico), ficando esta sobre o Terreiro do Paço, onde se acha o conselho d'estado, a secretaria do reino, e parte do edificio da alfandega, e aquelle (o terreiro) para o lado da rua hoje chamada *Nova da Alfandega*, defronte da actual egreja da *Conceição Velha*, que n'aquelle tempo era a *egreja da Misericordia*.

[3] Vid. os artigos e gravuras a pag. 33 do vol. II, e 225 do vol. IV, e o fragmento do nosso roteiro a pag. 358 do vol. V.

[1] A alfandega foi começada por el-rei D. Manuel, e acabada por D. João III. Estava situada no Terreiro do Paço, exactamente no logar occupado presentemente pelo torreão dos tribunaes do commercio, e por parte do edificio da actual alfandega, com uma frente para o mar, e outra para a praça. Sobre esta ultima frente é que se estabeleceu a *casa dos contos*.

I. DE VILHENA BARBOSA.

[2] Vid. a gravura que démos a pag. 337 do vol. III.